

CICLO DE CINEMA
E CONVERSAS

3 MAI 17:00



UM FILME FALADO

Oliveira e a História do Cinema

CONCEÇÃO E MODERAÇÃO DE ANABELA MOTA RIBEIRO

MELODRAMA

O QUE O CÉU PERMITE

SERRAVES

SESSÃO 3

3 MAI | 17:00

CONCEÇÃO E MODERAÇÃO
DE ANABELA MOTA RIBEIRO

MELODRAMA

ALL THAT HEAVEN ALLOWS O QUE O CÉU PERMITE

Douglas Sirk | USA | 1955 | 89'

Convidados: Pedro Duarte (professor de filosofia) e Vítor Constâncio (economista)

Realização: Douglas Sirk

Produção: Ross Hunter

Argumento: Peggy Thompson, baseado no romance de Edna L. Lee e Harry Lee

Direção de fotografia: Russell Metty

Montagem: Frank Gross e Fred Baratta

Música: Frank Skinner

Direção de som: Leslie I. Carey e Joe Lapis

Direção de arte: Alexander Golitzen, Eric Orbom, Russell A. Gausman e Julia Heron

Guarda-roupa: Bill Thomas

Caraterização: Bud Westmore, Nick Marcellino e Vincent Romaine

Interpretação: Jane Wyman (Cary Scott), Rock Hudson (Ron Kirby), Agnes Moorehead (Sara Warren), Conrad Nagel (Harvey), Virginia Grey (Alida Anderson), Gloria Talbott (Kay Scott), William Reynolds (Ned Scott), Charles Drake (Mick Anderson), Hayden Rorke (Dr. Dan Hennessy), Jacqueline deWit (Mona Plash) e Leigh Snowden (Jo-Ann Grisby).

Produção: Universal International Pictures

Cópia: cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 89 minutos

País: Estados Unidos da América

Estreia: 25 de agosto de 1955 (Reino Unido)

IMITAÇÃO DA VIDA: SOBRE OS FILMES DE DOUGLAS SIRK

“O cinema é um campo de batalha”, disse Samuel Fuller – que chegou a escrever um argumento para Douglas Sirk – num filme de Jean-Luc Godard que, pouco depois de filmar *À bout de souffle* (*O Acossado*, 1960), escreveu um texto muito elogioso a propósito de *A Time to Love and a Time to Die* (*Um Tempo para Amar e um Tempo para Morrer*, 1958) de Douglas Sirk. Seja Godard ou Fuller, outra pessoa qualquer ou eu próprio – nenhum de nós lhe pode verdadeiramente prestar reverência. Sirk disse que o cinema é sangue, lágrimas, violência, ódio, filmes com morte e filmes com vida. Afirmou também que não se podem fazer filmes *sobre* algo, apenas se podem fazer filmes *com* algo, com pessoas, com luz, flores, espelhos, sangue, com as mais estranhas coisas que dão significado à vida. Sirk também disse que a luz e os ângulos de câmara constituem a filosofia do realizador. E Sirk realizou alguns dos filmes mais delicados que conheço, filmes que adoram seres humanos e que não os desprezam, tal como nós o fazemos. Darryl F. Zanuck chegou a afirmar algo do género “O filme tem de funcionar no Kansas e em Singapura”. Isso sim, é uma loucura – a América!

Uma das avós de Douglas Sirk escrevia poesia e tinha cabelo negro. Douglas chamava-se ainda Detlef e vivia na Dinamarca. Por volta de 1910 os países escandinavos tinham a sua própria indústria, que produzia sobretudo dramas humanos em grande escala. O pequeno Detlef e a sua avó poetisa foram a um qualquer cinema dinamarquês, e ambos choraram copiosamente com a morte de Asta

Nielsen e de muitas outras mulheres incrivelmente belas e com caras de pó-de-arroz. Tiveram de o fazer em segredo, uma vez que Douglas Sirk deveria tornar-se um homem culto e, de acordo com a tradição germânica, humanisticamente instruído, o que o levou a desistir do seu amor por Asta Nielsen, permitindo-lhe assim passar a amar Clitemnestra. Na Alemanha, fez teatro em Bremen, Chemnitz, Hamburgo e Leipzig; tornou-se culto e cultivado. Tinha Max Brod como um dos seus amigos, conheceu Kafka, etc. Começou a formar-se uma carreira que poderia ter culminado como diretor geral do Reisdenztheater de Munique. Mas, em 1937, depois de já ter realizado alguns filmes na Alemanha para a UFA, Detlef Sierck emigrou para os Estados Unidos, tornou-se Douglas Sirk, e fez o tipo de filmes para os quais as pessoas na Alemanha, com o seu nível de educação, teriam sorrido de soslaio.

O QUE O CÉU PERMITE

É assim que, em Lugano, na Suíça, podemos encontrar um homem que é mais desperto e mais brilhante do que qualquer outra pessoa que conheci, e que pode afirmar, com um pequeno e feliz sorriso, “Devo dizer que, por vezes, realmente amei aquilo que fiz”. O que ele amou foi, por exemplo, *All that Heaven Allows* (*O Que o Céu Permite*, 1956). Jane Wyman é uma viúva rica, e Rock Hudson podava as suas árvores. Existe uma “árvore do amor” no jardim de Jane que apenas floresce quando o amor está presente, e por isso o encontro casual de Jane e Rock transforma-se num grande amor. Mas Rock é quinze anos mais novo do que Jane, e ela está completamente integrada na vida social de uma pequena cidade americana. Rock é do tipo primitivo, e Jane tem muito a perder – as amigas, a boa reputação que mantém graças ao marido falecido, os filhos. No início, Rock adora a natureza, e Jane não adora nada porque tem tudo.

Isto é um ponto de partida merdoso para um grande amor. Ela, ele e o mundo ao redor deles. Mas é este o aspeto que tem. Ela tem o toque maternal; dá a impressão que se poderia derreter no momento ideal. Percebemos o porquê da atração que Rock sente por ela. Ele é um tronco de árvore. Percebe-se a sua atração por esta mulher. Mas o mundo que os rodeia é mau por natureza. Todas as mulheres são desbocadas. Não há qualquer outro homem no filme para além de Rock; até as cadeiras são mais importantes, ou os copos de cocktail. A julgar por este filme, uma pequena cidade americana é o último sítio que poderia querer visitar. Finalmente Jane diz a Rock que o vai deixar, por motivos mais ou menos idiotas, como os seus

filhos. Rock não lhe dá luta – apesar de tudo, é uma pessoa com a natureza do seu lado. E Jane fica sozinha na véspera de Natal; os filhos vão deixá-la e oferecem-lhe um televisor. Nesse momento, todos os espectadores quebram emocionalmente. De repente compreendem algo sobre o mundo e os efeitos que tem sobre as pessoas. Jane depois regressará a Rock, porque tem dores de cabeça persistentes, coisa que nos acontece a todos quando não fodemos o suficiente. Mas quando ela regressa, não é um final feliz, apesar de estarem juntos. Uma pessoa que tem e cria tantos problemas quando está apaixonada não poderá ser feliz depois.

É sobre isso que Douglas Sirk faz filmes. Os seres humanos não podem estar sozinhos, mas também não podem estar juntos. São filmes cheios de desespero. *O Que o Céu Permite* começa com um plano longo de uma cidadezinha, sobre a qual os créditos aparecem. Parece desolada. Depois o plano de grua desliza até à casa de Jane, ao mesmo tempo que uma das suas amigas chega para lhe devolver alguma louça que tinha levado emprestada. Não dá para ser mais desolado do que isto! O plano passa por elas e, ao fundo, está Rock Hudson, como um figurante num filme de Hollywood. E como a amiga não pode ficar para tomar café, Jane decide tomar café com o figurante. Mesmo neste momento todos os grandes-planos são de Jane. Rock não parece ter importância nenhuma. Mas, quando tem, também passa a ser mostrado em grande-plano. Tão simples e tão belo. Toda a gente percebe o que está em jogo.

Os filmes de Douglas Sirk são descritivos. Têm muito poucos grandes-planos. Mesmo no campo-contracampo,

o parceiro é quase sempre só parcialmente visível no enquadramento. A intensa emoção que sentimos com estes filmes não vem da nossa identificação com alguma personagem, vem da montagem e da música. Por isso, é comum sairmos algo insatisfeitos destes filmes. Podemos vislumbrar algo em relação às outras pessoas. E podemos reconhecer voluntariamente ou divertirmo-nos a tentar descobrir o que para nós é importante em *O Que o Céu Permite*. Os filhos de Jane são loucos. Quando um velho lhes aparece, é considerado o parceiro ideal para Jane. Mas depois surge Rock, menos velho, mais belo, e não tão estúpido quanto se julga. E a reação dos filhos é encetar táticas de afastamento, o que é uma loucura. O filho de Jane prepara um cocktail para ambos, e ambos elogiam a bebida, gesto que acontece duas vezes e no mesmo plano. Com o velho, os filhos sentem-se à vontade, mas com Rock, a atmosfera na sala parece pronta a explodir, o que também acontece duas vezes e no mesmo plano.

Sirk sabe bem como dirigir atores – e de forma impressionante. Se virmos os filmes tardios de Fritz Lang, feitos na mesma altura deste e onde a sua pior incompetência se manifesta, podemos-lhes contrapor os filmes de Douglas Sirk, onde as mulheres pensam. Não identifiquei isto em mais nenhum realizador. Nenhum. Por norma, as mulheres apenas reagem, fazem as coisas que as mulheres fazem, mas em Douglas Sirk, elas verdadeiramente pensam. É é espantoso ver uma mulher a pensar. É algo que nos dá esperança. E que é honesto.

As pessoas nos filmes de Sirk estão sempre em locais extremamente

formatados pela sua situação social. Os cenários são extraordinariamente precisos. Na casa de Jane, só podemos movimentar-nos de uma determinada maneira. E apenas surgem frases quando realmente se quer dizer algo, e alguns gestos quando realmente se quer expressar algo. Se Jane entrasse noutra casa, na de Rock, por exemplo, conseguir-se-ia ajustar? Gosto de achar que sim. Ou será que ficou de tal maneira moldada e afetada que, na casa de Rock, sentiria falta daquele estilo que é, apesar de tudo, o seu? Talvez isso me pareça mais provável. É por isso que o final feliz não é verdadeiro. Jane encaixa-se e sempre se encaixará melhor na sua casa do que na de Rock. [...]

Tentei escrever sobre seis filmes de Douglas Sirk, e no processo descobri o quão difícil é escrever sobre filmes que têm algo que ver com a vida, e que não são literatura. Deixei tanta coisa potencialmente importante de fora. Não disse quase nada sobre a luz, o tratamento cuidadosíssimo que Sirk lhe dá, ou a maneira como ela o ajuda a transformar as histórias que tinha de contar. Para além dele, só Josef von Sternberg dispõe tão bem da luz. E quase não disse nada sobre os cenários que Douglas Sirk mandou construir para os seus filmes, o quão incrivelmente acertados são. Não analisei suficientemente a importância das flores e dos espelhos, e o que estes significam nas histórias que Sirk nos conta. Não insisti que Sirk é um cineasta que retira o máximo dos seus atores. E que foi sob a sua direção que tagarelas como Marianne Koch ou Liselotte Pulver se tornaram seres humanos em quem podemos e queremos acreditar. E depois vi muito poucos filmes seus. Gostaria de ver

os trinta e nove filmes, todos. Depois, talvez me esteja a alongar, comigo, com a minha vida, com os meus amigos. Vi seis filmes de Douglas Sirk. E entre eles estão os mais belos do mundo.

Rainer Werner Fassbinder
(texto de traduzido de "Imitation of Life: On the Films of Douglas Sirk", *The Anarchy of Imagination*, 1992)



PEDRO DUARTE

Professor-Doutor de Filosofia e História da Arte na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Investigador do CNPq e da Faperj. Ocupou, no Pós-doutoramento, a Cátedra Fulbright de Estudos Brasileiros na Universidade Emory (EUA, 2020). Foi Professor Visitante na Universidade Södertörns (Suécia, 2012) e Investigador Visitante na Universidade Brown (EUA, 2004/2006). É autor dos livros *O ensaio como narrativa* (Oca, 2021 - Portugal); *A pandemia e o exílio do mundo* (Bazar do Tempo, 2020); *Tropicália* (Cobogó, 2018); *A palavra modernista: vanguarda e manifesto* (Casa da Palavra, 2014); e *Estio do tempo: Romantismo e estética moderna* (Zahar, 2011). Organizou o livro *Objeto não identificado: Caetano Veloso - 80 anos* (Bazar do Tempo, 2022). Tradutor dos livros *Pensar sem corrimão* e *Liberdade para ser livre*, de Hannah Arendt (Bazar do Tempo, 2021 e 2018).



VÍTOR CONSTÂNCIO

Ex-vice-presidente do Banco Central Europeu (2010-2018) e ex-governador do Banco de Portugal (2000-2010). Presidente de Lisboa Capital Europeia da Cultura em 1994. Atual Presidente do Conselho de Escola do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa e Professor na Universidade de Navarra, Mestrado em Banca e Regulação, Madrid.



ANABELA MOTA RIBEIRO

Anabela Mota Ribeiro nasceu em 1971 em Trás-os-Montes. Vive e trabalha em Lisboa. Fez licenciatura e mestrado em Filosofia na Universidade Nova de Lisboa. No doutoramento, que frequenta, prossegue o estudo do escritor brasileiro Machado de Assis. Foi visiting research fellow da Brown University em 2019. Publicou os livros *O Sonho de um Curioso* (2003), com 14 entrevistas, *Este Ser e não Ser - Cinco Conversas com Maria de Sousa* (2016), *Paula Rego por Paula Rego* (2016), *A Flor Amarela - Ímpeto e Melancolia em Machado de Assis* (2017), *Por Saramago* (2018) e *Os Filhos da Madrugada* (2021 e 2022). Jornalista freelance, colaborou com diversos jornais e revistas. É autora e apresentadora de programas de televisão. Os mais recentes: *Curso de Cultura Geral* (2017 e 2018, RTP2), e *Os Filhos da Madrugada* (2021 e 2022, RTP3). Enquanto programadora cultural, colabora com instituições de referência. Entre outros projetos, assinou, com José Eduardo Agualusa, a curadoria da Feira do Livro do Porto em 2017, 2018 e 2020. É membro do Conselho Geral da Universidade de Coimbra. Desde 2013 disponibiliza o seu arquivo no site www.anabelamotaribeiro.pt. Gosta de cinema desde sempre.

PRÓXIMAS SESSÕES

CICLO UM FILME FALADO

14 JUN | SÁB | 17H00

NEOREALISMO

UMBERTO D

Vittorio De Sica | ITA | 1952 | 89'

Convidados: André Cepeda, fotógrafo, e Cristina Fernandes, investigadora de cinema

5 JUL | SÁB | 17H00

COMÉDIA

A DAY AT THE RACES | UM DIA NAS CORRIDAS

Douglas Sirk | USA | 1955 | 89'

Convidados: Maria Inês Marques, dramaturgista, e Richard Zimler, escritor

CICLO RETROSPECTIVA LUIS GARCÍA BERLANGA

4 MAI | DOM | 17H00

LA ESCOPETA NACIONAL | A ESPINGARDA NACIONAL

Luis García Berlanga | ESP | 1978 | 95'

CICLO MODOS DE REVER

10 MAI | SÁB | 17H00

MUSEUM HOURS | AS HORAS DO MUSEU

Jem Cohen | USA, AUT | 2012 | 107'

Convidados: José Bértolo, escritor e investigador, e Clara Rowland, escritora e professora de literatura

CICLO O SABER DO CINEMA

10 MAI | SÁB | 10H00

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150—417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA